



A VIOLÊNCIA HETERONORMATIVA E O CORPO LÉSBICO COMO TERRITÓRIO CONQUISTADO NA SÉRIE “O CONTO DA AIA”

Regina Lúcia Trindade Costa ¹
Gabriela Santos Alves ²

RESUMO

Este trabalho busca analisar uma das formas que a República de Gilead, na ficção seriada “O Conto da Aia”, persegue pessoas LGBTQIAP+. Para tanto, foi estudado o arco narrativo da personagem lésbica Emily em seus períodos de extrema opressão na primeira temporada. Buscamos entender, a partir das teorias e críticas feministas contemporâneas e da análise fílmica, como a série nos mostra os mecanismos de negação do corpo homossexual como território digno de existência e autonomia. Ao final, apontamos que, mesmo se tratando de uma narrativa distópica, a violência institucional de Gilead não está distante de nossa realidade em relação à opressão das vivências não heteronormativas.

Palavras-chave: Corpo, Território, Lesbianidade, Heteronormatividade, O Conto da Aia.

INTRODUÇÃO

O romance distópico³ “O Conto da Aia”, da canadense Margaret Atwood, lançado em 1985, narra a história de um regime de extrema-direita que tornou os Estados Unidos em uma nação fundamentalista cristã, através de um golpe de Estado. A República de Gilead, formada pelos “Filhos de Jacó” suspende a Constituição dos EUA, divide a população em castas, criminaliza a liberdade religiosa, sexual e intelectual e proíbe a autonomia feminina.

Um dos direitos retirados das mulheres é o reprodutivo: a maioria delas são inférteis e os índices de crescimento populacional são perturbadores. Para solucionar o problema, o regime utiliza uma passagem bíblica⁴ para justificar a captura das poucas mulheres férteis nos EUA. Essas mulheres viram propriedade do Estado, são designadas para casas de Comandantes e tornam-se Aias, cuja única função é ter filhos nascidos de estupros. O livro é narrado sob a ótica de Offred/June, que é Aia em uma dessas casas e sofre estupros sistemáticos sob o falso pretexto de uma “função divina”.

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, regina.l.costa@edu.ufes.br;

² Professora orientadora: Pós Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) - gabriela.alves@ufes.br

³ À época de seu lançamento, Margaret Atwood concebia sua obra como ficção especulativa, por entender que a história poderia representar, a partir de exemplos reais do passado, um futuro possível.

⁴ “Vendo, pois, que Raquel não dava filho a Jacob, teve Raquel inveja de sua irmã e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva Bila; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela (GÊNESIS, 30: 1-3).”



Em 2017, o canal de streaming Hulu trouxe a história para as telas. “O Conto da Aia” causa impacto e ao mesmo tempo, identificação com o público espectador, uma vez que a sociedade tem experimentado episódios de retrocesso em políticas públicas voltadas para as maiorias minorizadas, como mulheres e comunidade LGBTQIAP+.

A partir das teorias feministas, utilizando Simone de Beauvoir, Silvia Federici e Judith Butler como ponto de partida, este artigo propõe-se a analisar o arco narrativo da personagem LGBTQIAP+ Emily, que tem toda e qualquer autonomia em relação ao seu corpo como território negada pelo fato de sua lesbianidade.

A análise fílmica foi o método proposto para estudar o percurso narrativo da personagem na primeira temporada. Baseamo-nos em Vanoye e Goliot-Lété (2002) e Penafria (2009) para decompor, descrever, estabelecer relações entre os fragmentos, de forma a possibilitar a compreensão da obra.

DESENVOLVIMENTO

Emily/Ofglen é uma Aia e companheira de compras de June/Offred. No primeiro episódio, elas iniciam um vínculo além do permitido: falam sobre suas origens e trocam algumas informações⁵. Descobrimos que Emily é uma “traidora de gênero⁶”: é lésbica e foi casada com uma mulher canadense antes da ascensão de Gilead. Elas têm um filho gerado por Emily. Por esse motivo, ao ser capturada, foi poupada de ser enviada às Colônias mesmo sendo uma “não-mulher⁷”. Para o regime, Emily era apenas um ovário, uma fêmea, (Beauvoir, 1970), servindo apenas para a reprodução. “Eu tinha dois bons ovários. Então foram gentis de ignorar meus pecados anteriores” (The Handmaid 's Tale, 2017).

O patriarcado que controlava Gilead conseguiu sepultar todos os direitos de gênero, realizando uma verdadeira caça às bruxas, para “destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva e serviu para preparar o terreno para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor” (Federici, 2017, p.30). O regime aproveitava todas as oportunidades para exercer o poder político sobre esses corpos. Como explica Dutra (2021):

“A territorialização do corpo feminino bem como sua mercadorização, acontecem desde os primórdios da vida em sociedade, no entanto os movimentos atuais como feminismo visam desmascarar as centenas de anos em que as mulheres foram subjugadas, visando a desmistificação do padrão de comportamento “recatado”, a

⁵ June e Emily não se conhecem pelo nome próprio, apenas pelo que foi dado por Gilead. Aqui usamos os nomes próprios por motivos de clareza.

⁶ Qualquer pessoa que não se encaixava na heteronormatividade.

⁷ São consideradas “não-mulheres” as estéreis, viúvas, feministas, professoras universitárias, traidoras do gênero, freiras e Aias que não tiveram filhos. O sistema envia as “não-mulheres” às Colônias, áreas de poluição mortal.



sexualidade reprimida, a inteligência inferiorizada bem como as capacidades físicas. O cio da mulher, não como estado de excitação, mas o que Estes (1999), chama de intensa consciência sensorial onde inclui a sexualidade, sem limitar a ela. (DUTRA, 2021, p.6).

Emily fazia parte da rede de resistência Mayday. Além disso, mantinha um relacionamento com uma Martha⁸, o que era abominação e crime em Gilead. No final do segundo episódio, ela é presa e desaparece. Ambas são levadas a julgamento: a Martha é sentenciada à morte por enforcamento. Emily, por ser fértil, recebe a pena de “Redenção”, cujo significado nos é mostrado no final do terceiro episódio: ela é submetida a uma clitoridectomia, mutilação genital de retirada do clitóris. Desta forma, estaria “consertada” e sua função reprodutiva não seria afetada, mas “não iria mais querer o que não poderia ter”: o prazer sexual. Seu corpo existiria apenas para servir aos homens: “o falocentrismo oferece um nome para eclipsar o feminino e tomar o seu lugar” (Butler, 2019, p. 36). Durante todo o capítulo, Emily não diz uma palavra, mas seus olhares de pavor e desespero são os narradores dessa terrível história.



Figura 1: Emily presa antes do julgamento (Foto: Reprodução).

Gilead, misógina e lesbofóbica, impõe a heterossexualidade, compulsória e obrigatória: “A concepção binária dos sexos, tomado como um ‘dado’ que independe da cultura, impõe, portanto, limites à concepção de gênero e torna a heterossexualidade, o destino inexorável, a forma compulsória de sexualidade. (Louro, 2004, p.81-82)”.

⁸ Como eram chamadas as trabalhadoras domésticas em Gilead.



Figura 2: Emily descobre a cirurgia em sua genitália (Foto: Reprodução).

Quando recebe alta, Emily é designada a outro posto e recebe um novo nome: Ofsteven. Nos primeiros dias após seu retorno, se mostra apática e depressiva. Porém, durante um passeio, entra em um carro, dirige e atropela um guarda. É o único momento desde o início da série em que sorri. O ato faz com que ela seja presa e enviada para as Colônias, onde acreditava-se que finalmente morreria. Cumpriria, assim, seu destino de “não-mulher”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

A partir da análise do curto, mas poderoso arco narrativo de Emily na primeira temporada de “O Conto da Aia”, podemos afirmar que a relação entre sexo e poder, sempre carregada de normas culturais, sociais e religiosas, pressupõe que a heteronormatividade descarte qualquer outra forma de sexualidade. Para Butler (2019), a sexualidade é sempre construída no discurso de poder, que em Gilead, é patriarcal, heteronormativo e misógino.

Mesmo no âmbito da distopia, não é difícil traçar paralelos entre a opressão de gênero em Gilead e a realidade do Brasil. Somos o país que mais mata pessoas LGBTQUIAP+ no mundo⁹ e a história de Emily ecoa em nossas ruas e avenidas. A distopia, conforme Hilário (2013), problematiza os danos que podem ser causados por tendências do presente, e sua narrativa é radicalmente crítica.

Em entrevista à BBC Brasil em 2020, período de ascensão de governos de extrema-direita em várias partes do mundo, Margaret Atwood afirmou que ainda estava

⁹ De acordo com o Dossiê Mortes e Violência contra LGBTI+ no Brasil.



interessada em como as ditaduras evoluíram, uma vez que testemunhou algumas “Todos eles tiraram direitos das mulheres. Não importa como as ditaduras se autodenominam: todas elas o fazem. A mulher é algo a ser resolvido.” (Pais, 2020).

Demonstrando preocupação com o andamento da política brasileira na época, Atwood afirmou: “Pessoas como o presidente do Brasil (Jair Bolsonaro), que diz: ‘Eu sou um homem forte e vou resolver isso para você. Você tem que oprimir mulheres e grupos minoritários e tudo ficará ótimo’. Gilead não é diferente disso.” (Pais, 2020). Desde então, algumas políticas afirmativas retrocederam no país e, mesmo com a eleição de um governo progressista no pleito de 2022, grupos de extrema-direita organizam-se e resistem à democracia frágil e recente do Brasil.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. A experiência vivida.** v. 2. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DUTRA, Renata Dias. **O corpo como território da mulher, deficiência e mutilação como resquícios de violência.** Anais do XIV ENANPEGE. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78406>>. Acesso em: 04.nov.2023.

FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

GÊNESIS. **Bíblia Sagrada.** 2. ed. rev. e atual. Barueri: Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

HILÁRIO, C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 10.jul.2023.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAIS, Ana. Margaret Atwood, autora de ‘O Conto da Aia’: ‘Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa’. **BBC News Mundo em Cartagena**, v. 9, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>>. Acesso em 28.ago.2023.



PENAFRIA, Manoela. **Análise de filmes: Conceitos e metodologias**. VI Congresso Sopcom, Abril de 2009.

THE HANDMAID'S TALE. (O conto da aia). Criador: Bruce Miller. Elenco: Elisabeth Moss, Joseph Fiennes, Yvonne Strahovski, Alexis Bledel. Websérie. Drama/Distopia. Transmissão original: Hulu. 2017.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução: Marina Appenzeller. 2^a ed. Campinas: Papyrus, 2002.